

UM PREFÁCIO À BÍBLIA HEBRAICA*

Aquilo que tendes na mão não é *um* livro. É *o* livro. É isso, evidentemente, o que «Bíblia» quer dizer. É ela o livro que, e não apenas para a humanidade ocidental, define o conceito de um texto. Todos os nossos outros livros, por muito diferentes que sejam no tema ou no método, se relacionam, ainda que indirectamente, com este livro dos livros. Relacionam-se com os factos do discurso articulado, do texto ao leitor, à confiança nos significados lexicais, gramaticais e semânticos, que a Bíblia origina e desenvolve, a um nível e com uma prodigalidade nunca superados. Todos os outros livros, sejam eles histórias, narrativas do imaginário, códigos civis, tratados morais, poemas líricos, diálogos dramáticos, meditações teológico-filosóficas, são como centelhas, muitas vezes, obviamente, distantes, lançadas pelo sopro incessante de um fogo central. No Ocidente, mas também em outras partes do planeta para onde o «Livro Bom» foi levado, a Bíblia informa abundantemente acerca da nossa identidade histórica e social. Ela dá

* (Da edição de 1996, da Everyman Library.)

à consciência os instrumentos, frequentemente implícitos, da memória e da citação. Até aos tempos modernos, esses instrumentos estavam tão profundamente gravados nas nossas mentalidades, até mesmo, ou talvez principalmente, entre os não e os pré-literatos, que a referência bíblica actuava como uma auto-referência, como um passaporte na viagem até ao interior do nosso ser. As Escrituras eram (para muitos ainda o são) uma presença em acção, tanto universal como individual, geralmente partilhada e da maior reserva. Nenhum outro livro é como ela; todos os outros livros são habitados pelo murmúrio dessa fonte distante (hoje, os astrofísicos falam do «ruído de fundo» da criação).

De acordo com a última contagem, o Antigo e o Novo Testamento foram traduzidos, na totalidade ou em partes substanciais, para 2010 línguas diferentes. O processo de tradução e retradução tem sido contínuo ao longo de mais de dois milénios. Os textos bíblicos têm sido transmitidos através de todos os meios e de todas as escritas possíveis: desde rolos de papiro a discos compactos, desde fólios monumentais à miniaturização de salmos e orações em cabeças de alfinete. A história da imprensa, da composição tipográfica, desenrola-se em edições da Bíblia, de Gutenberg para a frente. Mas a Sagrada Escritura também está disponível em braille ou nas línguas de sinais dos surdos. Nenhuma biblioteca, por muito grande que seja, contém a totalidade das Bíblias e Evangelhos falados, escritos e impressos. É praticamente desnecessário dizer que a Bíblia Sagrada — mas o que significa esse epíteto? — é o acto de linguagem mais largamente publicado e difundido à face da Terra.

O conteúdo da Bíblia, cuja gravidade e força gravitacional são, na nossa civilização, quase incomensuráveis, encontra-se no centro de uma galáxia de comentários e de

interpretações em que cada momento de tradução é em si mesmo um gesto interpretativo. Esta questão secundária luta, literalmente, com cada palavra, frase, verso, capítulo e livro de ambos os Testamentos. Em certas tradições do Judaísmo, luta com cada letra individualmente. Há homens e, mais recentemente, mulheres que devotaram toda a sua vida ao estudo de um simples excerto bíblico: aos capítulos iniciais do Génesis, aos preceitos rituais do Levítico, aos chamados Salmos de David, à grandeza ilimitada de Isaías ou Job, aos Romanos 9-13 ou aos enigmas do Apocalipse. O debate, cujas consequências alteram a história política e social do Ocidente, como no caso da Reforma, tem-se obstinado, durante séculos, em torno da leitura correcta desta ou daquela máxima de São Paulo, desta ou daquela variação idiomática em Isaías 49-53. Massacres e destruições de cidades foram o resultado de discussões sobre a fraseologia do sacramento do baptismo ou de admoestações pela posse de propriedade privada por parte da Igreja, nos Evangelhos ou nos Actos. A possível elisão ou troca de um simples marcador vocálico no texto hebraico pode, nos Números 14-15 ou em Job, alterar o tecido da teologia.

Nenhum exegeta ou erudito, nenhum grupo de filólogos ou de teólogos filosóficos pode apoiar-se com confiança na respectiva literatura secundária. Uma estimativa recente calcula em mais de trezentos as revistas, boletins e *acta* sobre estudos bíblicos publicados regularmente em cerca de quarenta línguas. «A edição de livros é interminável.» Comentários, glossários e *marginalia* sobre a Tora (os cinco Livros de Moisés) constituem a herança orgânica do Judaísmo. Comentários de comentários de comentários são tecidos como um novelo vivo e contínuo, que muito possivelmente remonta ao século II ou III a. C. O Cristianismo é o herdeiro directo deste diálogo múltiplo com o texto bíbli-

co. Muito do que lemos em São Paulo é, por assim dizer, um glossário hermenêutico e interpretativo daquilo que fora transmitido através das palavras e gestos de Jesus. Por volta dos séculos XI e XII d. C., as técnicas da elucidação e do *close reading* à margem e por entre as linhas tornaram-se numerosas. Da mesma maneira que nenhuma biblioteca, por muito grande que seja, pode possuir *todas* as edições da Bíblia, também nenhuma pode gabar-se de ter qualquer coisa como uma lista completa de livros sobre a Bíblia e de livros acerca de livros sobre a Bíblia, desde o princípio do Talmude até ao presente. Inevitavelmente, o erudito, hoje, tem de consultar não só bibliografias, mas bibliografias de bibliografias (a Bíblia ressoa nesta palavra).

Quase todas as disciplinas de pesquisa e estudos humanísticos desempenham a sua parte. A filologia e a linguística comparativa e o estudo da gramática e da retórica evoluíram em torno de um foco bíblico. Os conceitos ocidentais de história e historiografia nascem da organização do tempo e dos factos na narrativa bíblica, e opõem-se-lhe. A teoria política medieval, tal como a renascentista e a do século XVII, procura os seus alicerces ou tenta emancipar-se dos princípios teocráticos de modelos sucessivos de governo apresentados no Antigo Testamento. Durante séculos, a jurisprudência lutou com o problema de uma possível concordância entre os critérios de Moisés e de São Paulo em relação à lei e os critérios do modelo romano e da «lei natural». Actualmente, as investigações económicas e sociológicas da experiência registada na Bíblia, principalmente no que se refere à sua apresentação (ou omissão) das mulheres, estão em crescimento acelerado. O mesmo acontece com os livros e monografias que fazem uma abordagem psicanalítica das personagens e dos episódios bíblicos. A etnografia e a antropologia bíblicas são, em si mesmas, campos complexos. Além disso, as li-

nhas de incidência não são apenas humanísticas. Há compêndios e revistas que se ocupam da flora e da fauna da Bíblia ou com ela relacionadas, das funções permanentes e dramáticas da agricultura e da meteorologia na narrativa e nas imagens bíblicas (lembramos a zoologia em Job, ou a maldição lançada sobre a figueira durante o ministério de Jesus).

Desde o século XIX, mas num grau sempre crescente, a arqueologia bíblica começou a influenciar quase todos os aspectos da compreensão, da interpretação e da tradução. O Antigo Testamento é tão vasto como as estrelas; mas é também tão ligado à terra e tão localizado como o mapa pormenorizado de uma região. Levem-no na mão e ele guiar-vos-á, centímetro a centímetro, até ao campo de Gilboa, até ao moinho em Shiloh, ou até àquele outeiro sob o sol imóvel, em Ajalon. Escavem com uma pá o solo ressequido, seja no vazio aparente do Negev ou nos movimentados montes da Galileia, e o passado bíblico cai-vos em cima. A arqueologia de Jericó faz-nos recuar seis milénios ou mais; as «cidades da planície», sobre as quais Deus descarregou o seu descontentamento, já receberam «uma habitação local e um nome»; as muralhas através das quais os exércitos de Senaqueribe conquistaram o reino de Judá estão sendo postas a descoberto. Dramaticamente, a descoberta dos rolos de Qumran ou da biblioteca de tabuinhas inscritas em Ebla levaram a uma revisão das línguas, da cronologia e das imagens bíblicas.

O peso do conhecimento é imenso (e crescente). Os recursos analíticos e interpretativos de que dispomos — datação por carbono, raios-X e fotografia de infravermelhos — são formidáveis. A ordenação e a restauração de fragmentos textuais minúsculos, por vezes de um simples aglomerado de consoantes ou de um versículo truncado, atingiram o virtuosismo. O domínio filológico-semântico das línguas e al-